

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE na Rua do Hospicio 85	Preço da assignatura por mez	Para a Corte..... 1\$000	AS ASSIGNATURAS começam no 1.º de cada mez
		Para as Provincias... 1\$500	

A BASTARDA

PRIMEIRA PARTE

A AMANTE DO AMO

XIV

O CASAMENTO

Pela primeira vez em sua vida o couteiro sentiu uma gratidão sem limites inundar-lhe o coração.

Com estranho movimento, e sem precedente naquella natureza rude e brutal, pegou em uma das mãos do Sr. de Vezay e levou-a aos labios.

O conde, sabendo perfeitamente que estava commettendo naquelle momento uma accão má, não pôde conter a sua involuntaria vergonha, e corou até o branco dos olhos.

Caillouet, porém, não deu por aquillo.

— Então, exclamou elle com effusão; então, Sr. conde, está assentado?... Permitte-me casar-me com Suzana?...

— E dou-te mil escudos para o pregaro da casa e para o enxoval de tua mulher... Dobro o teu salario e prometto mandar educar á minha custa os teus filhos, se os tiveres...

— Vamos! disse consigo mesmo Caillouet, cujo coração se enternecia; tenho um excellente amo, e devo estimá-lo...

— Daqui a quinze dias far-se-ha o casamento, tornou o Sr. de Vezay... Vou recolher-me sosinho, Caillouet; pôdes deixar-me, se te aprouver, e ir levar a boa noticia áquella a quem amas...

O couteiro não esperou que lh'o repetissem.

Agradeceu de novo ao amo, e encaminhou-se rapidamente para a habitação de Suzana Guillot.

Conforme o dissera o senhor de Vezay, o casamento do couteiro com a camponeza foi celebrado, ao cabo de quinze dias, na igreja parochial da aldeia.

O Sr. de Vezay não se sentira com animo, ou com o cynismo, de assistir á ceremonia nupcial, á qual mandára todos os famulos do castello, vestidos com as suas librés de gala e levando ao peito das casacas grandes laços de fitas brancas.

O picador la Ramée se fazia notar, entre todos, pela profusão de suas fitas.

Tinha-as em toda a parte.

Tinha laços no bonet.

Tinha-os no colete.

Tinha-os em todos os botões da casaca.

Tinha-os em torno do braço direito e em torno do braço esquerdo.

Estamos inclinados a crêr que de boa vontade elle ataria os proprios sapatos com laços de fita branca.

— Vivam os noivos! bradava elle como um desesperado, disparando para o ar, a torto e a direito, tiros de polvora secca. Vivam os noivos!... Viva Caillouet!... Viva Suzana!... Sejam felizes e tenham muitos filhos.

Com o seu vestido virginal, com a sua grinalda de flores de laranjeira, a noiva estava seductora; mas parecia profundamente preocupada, quasi triste, e a sua pallidez admirava a todos os assistentes.

Achavam alguns que ella estava com os olhos um tanto vermelhos, e que as suas palpebras inchadas denotavam lagrimas recentes.

Quanto a Caillouet, radiante, transfigurado, apresentava um semblante tão risonho quanto de ordinario a sua physionomia era sombria e carrancuda.

Não reparava que a sua noiva caminhava para o altar como antigamente as victimas humanas caminhavam para o sacrificio, — com resignação, mas com desespero.

O excesso da alegria cegava-o!

Embriagava-o a felicidade!

Quando o velho cura de Vezay lhe perguntou, conforme o uso consagrado, se elle recebia Suzana Guillot por sua mulher e legitima esposa, o couteiro respondeu: — SIM, — com voz retumbante que fez tremer a abobada da igreja.

Com dificuldade se ouviu a resposta de Suzana, interrogada do mesmo modo.

Como a resposta não era duvidosa, o velho cura interpretou-a no sentido afirmativo.

Pronunciou depois algumas palavras laconicas e tocantes.

Disse a Suzana que seria uma mulher honesta

e uma boa mãe de família, porque tinha sido uma donzela pura e sem mancha, — e que não seria enganada, porque não enganaria a ninguém...

A desventurada rapariga esteve quasi a perder os sentidos.

Mas terrível e desesperado esforço, — um desses esforços que atacam a vida na sua propria origem, — permitiu-lhe dominar a sua emoção e conservar-se firme até o fim.

Terminou a ceremonia, e os dous esposos sahiram da igreja.

Aquelle casamento impressionou de diversos modos os habitantes da aldeia e dos arredores que haviam accudido em massa para assistir á solemnidade.

Não foram poucos os commentarios, e, se alguns lisongeiros aos recem-casados, o maior numero não poderia ser agradável a Caillouet, se os ouvira.

Escusado é dizer que la Ramée não só applaudia, como tomava parte em tais commentarios.

Era que Caillouet estava longe. Do contrario, — affirmamo-l-o, — la Ramée teria o cuidado de abster-se com a mais prudente reserva.

O resto do dia passou-se na observancia dos usos e costumes de todas as nupcias aldeãs.

Chegou afinal a noite, com a noite a solidão, e com a solidão uma ventura sem mescla para Caillouet, — uma indizivel tortura physica e moral para Suzana.

XV

NICASIO

Sete meses eram decorridos depois do casamento do couteiro com a camponeza.

Uns quinze dias, quando muito, separavam os factos que imos contar daquella terrível noite de 20 de Setembro de 1820, durante a qual tão medonhas catastrophes se deviam consummar.

O tempo, — esse grande acalentador, — tinha produzido o seu costumado effeito.

Suzanna Guillot, — então a Sra. Caillouet, — recuperara, senão a alegria de outr'ora, ao menos a calma e o repouso de espirito.

A ferida, que tanto lhe sangrara no coração, tinha-se pouco a pouco cicatrizado.

A si propria perdoava ter enganado o marido antes de casar-se, ao vêr quanto elle era realmente feliz.

Atordoava-se com o seguinte sophisma: — Não pôde ser uma falta grave aquella cujos resultados trazem tamanha felicidade.

Quanto a Caillouet, incrivel metamorphose se operára nelle.

Como a serpente que muda de pelle, despira elle o seu genio feroz e as suas rudes maneiras de outr'ora.

A vida lhe parecia risonha, e elle sorria-se para a vida...

Com effeito, que lhe faltava?

Não tinha por mulher uma rapariga longa e silenciosamente adorada, e que reunia em si a belleza, a honestidade e a coragem?

Não ia dentro em breve ser pai, — pai de um filhinho moreno e forte, cujos primeiros passos na relva macia e na floresta elle dirigiria?

Emfim, o tranquillo futuro de sua velhice, — se Deus lhe concedesse longos annos, — não estava garantido?

Caillouet dizia tudo isto consigo mesmo, e sentia-se agradecido, — primeiramente para com Deus, e depois para com o Sr. de Vezay.

Fallámos anteriormente das paixões violentas e indomáveis do couteiro.

Dissemos que elle era susceptivel de tornar-se ciumento até o frenezim.

Esse ciume, — innato no coração de Caillouet, — não morrera; mas dormitava e não dava signaes de vida.

Comprehende-se sem dificuldade.

Um pretexto, por mais leve que fôsse, faltava para ciumentas suspeitas, e, coma outr'ora a mulher de Cesar, Suzana não podia ser suspeitada.

Eis qual era a situação daquelle casal ao tempo em que o vamos novamente encontrar.

Havia pouco mais ou menos um mez que a certas horas uma nuvem se estendia sobre a completa felicidade de Caillouet, — nuvem que não escurecia em cousa alguma as alegrias do seu lar domestico.

Apezar da redobrada vigilancia e actividade que elle desenvolvia, tinha a convicção, — digamos melhor, a certeza, — de que desaforados ladrões de caça commetiam roubos nas florestas confiadas á sua guarda.

Sabia o couteiro, de sciencia certa, que varias vezes por semana chegavam a Tours javalis e veados mortos nas mattas do conde de Vezay.

Caillouet teria dado de coração dous dedos da mão esquerda para surprender em flagrante os audaciosos destruidores da caça.

E multiplicava-se sem descanso.

Dia e noite, sempre de pé, estava em toda parte ao mesmo tempo.

E tudo isto em pura perda!...

Os invisiveis ladrões de caça illudiam-lhe todos os ardis, farejavam os laços que elle lhes armava!...

Em vão os picadores do castello vinham auxiliar-o nas suas batidas.

A's vezes, em pleno dia, quando guardas e picadores porcorriam a floresta, ouvia-se a detonação de um tiro de espingarda.

Havia um veado ou um javali morto, — podia-se jurar.

Quanto, porém, ao delinquente e ao proprio corpo de delicto, era impossivel pôr-lhes a mão.

Caillouet desesperava-se e emmagrecia a olhos visto.

Um bello dia ocorreu-lhe uma idéa.

Vivia na localidade, ou antes vegetava, um rapaz de dez a doze annos, a quem chamavam *Nicasio*, e que não é completamente desconhecido de nossos leitores.

Esse pequeno, — meio pastor, meio mendigo, — abandonado outr'ora em um fôsso por uma companhia de saltimbancos que andava de feira em feira, subsistia á custa da caridade publica.

Recebía daqui e dacolá um pedaço de pão, dormia, ora em uma cavallariça, ora em uma granja, ora finalmente em um desses montes de palha que os lavradores fazem no meio dos campos.

Nicasio procurava ás vezes tornar-se útil,—já levando ovelhas ao pasto, já ajudando a colheita das batatas.

Os instintos, porém, de sua natureza bohemia e vagabunda impediam-n' o de entregar-se a um labor continuo, e, logo que recebia o pão quotidiano, como salario ou como esmola, começava de novo as suas excursões sem fim pelas margens do Loire ou por entre as arvores da floresta.

Pequenissimo para a sua idade, fraco e rachitico, mas intelligente como um selvagem e astucioso como um macaco, Nicasio passava com razão em toda a região por um *finorio sagaz*.

Ora, a idéa que ocorrera a Caillouet, e de que fallavamos ha pouco, era tomar Nicasio a seu salario e servir-se delle para descobrir os ladrões de caça.

A idéa era boa aliás e o seguimento o provará. Caillouet pôz-se logo em busca do pequeno.

Encontrou-o deitado em um monte de relva, no canto do matto, e dormindo como um verdadeiro lazzarone.

— Olá! Nicasio! gritou-lhe, tocando-o com a ponta da carabina.

O menino, acordado em sobresalto, pôz-se em pé de um pulo, e disse esfregando os olhos com os dous punhos fechados.

— Ah! é o senhor Caillouet? Para que me despertou?... eu dormia um sonno tão bom!...

— Acordei-te porque tenho alguma cousa que te dizer...

— E' talvez a respeito dos laços armados para coelhos, no matto da Pedreira! interrompeu o pequeno; sei quem foi que os armou, porém não fui eu.

— Não se trata de laços, nem de coelhos... disse Caillouet.

— Oh! de que é então que se trata?...

— Sabes o que é um escudo de cinco francos?

— Se sei!...

— Já tiveste algum, Nicasio?

O pequeno pôz-se a rir.

— O Sr. Caillouet está zombando, disse elle depois.

— Porque?

— Onde queria o senhor que eu fôsse buscar um escudo?... Só se roubasse, e eu não sou ladrão.

— E não quererias ter um escudo, Nicasio?

— Que duvida?

— Pois eu te darei, se quizeres, não um escudo, mas tres...

— De cinco francos?

— De cinco francos.

— Quantos francos são?

— Quinze.

— E quantos soldos?

— Trezentos.

— Trezentos soldos! repetiu o pequeno. Com trezentos soldos se pôde comprar um castello como o do Sr. conde?

— Quasi, respondeu o couteiro sorrindo-se.
— E eu terei tanto dinheiro assim? eu, Nicasio?...
— Tu, sim!
— E que é preciso fazer para ganhar esses tres escudos, Sr. Caillouet?

— Ouve: — sabes que ha ladrões de caça aqui nas mattas?

— Todos o dizem...

— Matam os nossos veados e os nossos javalis... Nicasio meneou afirmativamente a cabeça.

— Em vâo tenho procurado, prosseguiu Caillouet, em vâo tenho revolvido céos e terra, não encontro nada, perco os meus passos, o meu tempo e o meu latim.

— Ah! lá isso é verdade! os ladrões de caça são finos!... disse o pequeno.

— Sim, mas tu és mais fino do que elles, Nicasio...

— Pôde ser!... respondeu o rapaz, evidentemente lisongeado pelo comprimento que acabava de receber.

— Pois bem, continuou o couteiro, procura fazer o que eu não posso... fica no matto noite e dia, espreita, vigia, observa... Sabem todos que tu vives a vagar... ninguem desconfiará de ti... Emfim, descobre alguma cousa, e no dia em que me vieres dizer:
— «O ladrão é Fulano!» — receberás os teus tres escudos.

— Devéras?

— Palavra de honra!

O menino estendeu a mão ao couteiro:

— Toque! disse elle.

— Está tratado o negocio?

— Está.

— Descobrirás os tratantes?

— Farei o que puder para conseguil-o.

— E quando começarás?

— Já... sem mais demora!...

E, sem trocar mais palavra com o seu interlocutor, o pequeno envolveu-se nos seus farrapos com a altivez de um *hidalgo* envolvendo-se na sua capa, e, escorregando pela relva como uma cobra, penetrou na matta.

As ondulações das verdejantes grimpas dos arbustos indicaram durante alguns momentos a sua passagem.

Dentro em pouco, porém, cessou o estremecimento da folhagem.

Nicasio já ia longe.

Passaram-se tres dias.

Durante esses tres dias, Caillouet encontrou sómente duas vezes o vagabundozinho.

Em cada um desses encontros disse-lhe apenas:

— Então?

Nicasio limitou-se a sacudir a cabeça e a responder:

— Ainda nada...

E mettia-se de novo na espessura da matta.

Na manhã do quarto dia, por cerca das dez horas, Caillouet, que acabava de recolher-se á cabana conjugal depois da sua primeira ronda, esperava que Suzana dësse a ultima de mão ao almoço.

Em quanto esperava, — e para matar o tempo, —

brunia, com um panno humedecido em azeite, o cano de sua carabina.

De repente sobresaltou-se.

Um tiro de espingarda acabava de retinir na floresta, á grande distancia, para o lado esquerdo.

— Ah! bandidos! exclamou o couteiro com uma praga energica; bandidos! eis-los que fazem das suas!... Se, ao menos, o acaso quizesse que Nicasio estivesse para aquellas bandas!...

E, possuido dessa esperança, aliás bem incerta, Caillouet, em vez de sahir depois do almoço, ficou á espera na cabana.

Passou-se uma hora.

Duas.

Depois tres.

Fatigado de esperar, o couteiro ia voltar a floresta.

Acabava de afivelar as suas polainas de couro, estendia já a mão para a carabina, quando de repente ouvio no atalho que conduzia á cabana o ruido de uma rapida corrida.

Dirigia-se para a porta, afim de vêr donde vinha esse ruido, quando Nicasio apareceu á entrada, ofegante, exhausto, banhado em suor e sem poder articular palavra.

Caillouet comprehendeu logo que o pequeno trazia alguma grande novidade.

Encheu de agua fresca um pucaro e offereceu-o a Nicasio, que bebeu com avidez.

O efecto produzido foi immediato.

O pequeno articulou com voz incerta e entrecortada, mas distincta, esta unica palavra:

— Venha!...

— Que!... sabes afinal?...

— Tudo! interrompeu Nicasio.

— Ah! com mil trovões! exclamou o couteiro; que fortuna!...

— Venha! repetiu o pequeno; venha depressa... e traga os tres escudos...

Caillouet não se fez rogar para sahir.

Precipitou-se fóra da cabana, seguindo o seu conductor, que se embrenhou por um atalho estreitissimo praticado no matto cerrado, e que se pôz a caminhar com tamanha rapidez que Caillouet tinha dificuldade em segui-lo.

— Aonde me levas tu? perguntou-lhe elle afinal?

— A' Casa-Vermelha, respondeu Nicasio.

— Oh! exclamou o couteiro; á Casa-Vermelha!... e para que?

— Vêl-o-ha.

— Explica-te.

— Daqui a pouco.

Caillouet interrogou ainda.

O pequeno, porém, não respondeu mais.

Verdade é que o atalho por onde seguiam ambos não se prestava muito á conversação.

Esse atalho, estreitissimo, já o dissemos, e obstruido por flexiveis ramos que era necessario afastar para abrir passagem, não permittia que duas pessoas caminhassem de frente.

Nicasio, que a esperança e a firme vontade de

tornar-se possuidor da incalculavel riqueza representada para elle pelas tres moedas de cem soldos fazia insensivel á dôr e á fadiga; Nicasio, dizemos nós, nem se quer se dava ao trabalho de afastar os espinhos que lhe dilaceravam o rosto e que iam depois cravar-se nas pernas de Caillouet.

Afinal, chegaram á extremidade do atalho, que desembocava em um caminho mais largo.

Nenhum obstaculo se oppunha então a que caminhassem lado a lado.

Caillouet começo de novo as suas perguntas.

Desta vez Nicasio respondeu.

— Imagine, Sr. Caillouet, disse elle, que eu estava á espreita no matto, quando... *pum!*... ouço um tiro de espingarda á distancia de um quarto de hora, pouco mais ou menos, no logar onde me achava...

« Sabia perfeitamente em que sitio havia sido disparado o tiro; — tinha reconhecido pelo som que fôra para as bandas do *monte das veadas*...

« Dou sebo nas canellas, e eis-me a correr para aquelle lado...

« Corria como uma lebre tocada pelos cães; nem mais, nem menos

« Em vão corri assim; quando cheguei já não havia ninguem no monte das veadas.

« Percorri tudo ao redor, prestando attenção por onde pisava...

« Vi, em todo caso, que não me havia enganado, Sr. Caillouet...

« Fôra alli mesmo que o ladrão disparára o tiro, — e atirára em um veado.

« Em um logar havia sangue no chão, — uma lagôazinha, — e tambem cabellos do pobre animal...

« Quanto, porém, ao ladrão... vispora!

« Isto tudo me inquietava, e temia perder os meus trezentos soldos...

« E dizia comigo:

« — Para que se esconda assim é preciso que essa gente tenha o diabo no corpo!...

« E ia-me retirando, de orelha cahida, caminhando direito para a frente, sem saber para onde me dirigia, e a olhar para o chão, sem saber o que olhava...

« Eis, porém, que de repente vejo que havia na relva como que umas gottazinhas vermelhas, que ora falhavam, e depois tornavam a aparecer mais adiante.

« Então fitei a vista e olhei com mais attenção.

« As taes gottazinhas eram de sangue...

« Tinham passado por alli levando o veado, e eu podia seguir a pista tão facilmente, como se tivesse diante de mim o homem e o animal...

« Isto começou a tranquilizar-me ácerca dos meus trezentos soldos...

« E disse comigo mesmo:

« — Nicasio, meu rapaz, segue até o fim, e, quando lá chegares, conhecerás a verdade... »